

Rua dos Flamboyants, 155- Campinas - SP CEP 13081-970  
Cidade Universitária, UNICAMP

<http://www.nepam.unicamp.br/ecoeco>  
e-mail: [ecoeco@nepam.unicamp.br](mailto:ecoeco@nepam.unicamp.br)

Fone: (0XX19)3788-7631  
Fax: (0XX19)3788-7690

Número 12

Ano 2003

## B O L E T I M

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica - ECOECO

Caros sócios,

Com esta edição do Boletim nº 12 da ECOECO encerra-se a gestão da dupla “LuLu”, como fomos carinhosamente apelidadas, e registramos aqui os nossos sinceros agradecimentos pelo apoio recebido. Em especial, agradecemos aos colegas de diretoria da gestão que se encerra, com os quais esperamos continuar contando como sócios atuantes.

No biênio 2002-03, conseguimos avançar na institucionalidade da ECOECO, como entidade com situação jurídico-legal regularizada, condição primordial para garantir o seu funcionamento em bases adequadas. A ECOECO também alcançou uma maior visibilidade no âmbito acadêmico e nos foros de discussões sobre políticas ambientais, por meio da realização de parcerias (com a Editora Campus - livro Economia do Meio Ambiente recém-lançado; com o IBAMA – pesquisa sobre Valoração Econômica em Unidades de Conservação), promoção de eventos e participação dos nossos sócios em eventos da área. O crescente interesse pelas atividades desenvolvidas pela ECOECO foi confirmado pelo número recorde e elevada qualidade dos trabalhos propostos para o V Encontro Nacional de Economia Ecológica, realizado em setembro de 2003 na Universidade de Caxias do Sul/RS (ver relatos sobre o V ECOECO nesta edição).

No comando da ECOECO no biênio 2004-05 estarão Ademar Romeiro (Presidente) e Maria Amélia Rodrigues (Vice-Presidente), eleitos por unanimidade na Assembléia dos Sócios da ECOECO realizada em 04/09/2003 durante o V ECOECO. Ademar Romeiro é Professor Livre-

Docente do Instituto de Economia da UNICAMP e Chefe da EMBRAPA Monitoramento por Satélite. Amélia Rodrigues é Professora de Economia na Universidade Federal do Pará e na Universidade da Amazônia e doutoranda pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Brasília. Ambos já faziam parte dos quadros da ECOECO - Ademar Romeiro como membro do Conselho Consultivo e Fiscal e Amélia Rodrigues como membro da Diretoria do Núcleo Norte – e agora recebem este novo desafio, para o qual estão bastante motivados, com novas idéias para avançar as contribuições da ECOECO no âmbito acadêmico e para o debate sobre políticas ambientais no Brasil.

A Presidência será auxiliada pelos membros eleitos para a Diretoria da ECOECO, com início de mandato em primeiro de janeiro de 2004. O quadro completo da atual Diretoria encontra-se à pág. 9. Desejamos a todos um início de gestão bem animado e produtivo!

Uma sociedade só se faz plenamente com a participação de todos. Devido à dimensão do país e às inúmeras tarefas que todos desempenhamos, entendemos que fica difícil uma participação mais próxima; no entanto, várias pequenas contribuições fazem a DIFERENÇA. Contribua com idéias para melhorar a atuação da ECOECO, visite regularmente a nossa página, ofereça um artigo para o Boletim, repasse informações sobre cursos, livros e eventos.

Saudações,

Luciana Togeiro de Almeida  
Luciana Lopes Simões

## ÍNDICE

Carta aos sócios .....	1	Determinantes da Recuperação da Mata Atlântica no Estado de São Paulo	
O V Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica		Eduardo Ehlers .....	5
Luciana Togeiro de Almeida .....	2	Desenvolvimento Sustentável, uma breve leitura	
V ECOECO: Visita à Cooperativa dos Produtores Ecológicos de Antônio Prado-Ipê		Sérgio de Mattos Fonseca.....	5
Ihering Alcoforado .....	3	ECOECO NEWS .....	9
Consecuencias Ecológicas y Económico Sociales de la Segunda Revolución Verde en Argentina		Diretoria da ISEE .....	9
Walter A. Pengue .....	4	Quem é Quem na ECOECO.....	9



## O V Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica

*Luciana Togeiro de Almeida*

**A** ECOECO realizou o seu V Encontro Nacional entre 03 a 06 de setembro de 2003 na Universidade de Caxias do Sul, RS.

“Brasil e Cone Sul: desafios e possibilidades de um desenvolvimento sustentável” foi o tema central do V ECOECO, refletindo o interesse desta Sociedade em promover um debate que ultrapasse as fronteiras do país e, em especial, integrar esforços de pesquisas sobre sustentabilidade entre os países membros do MERCOSUL.

O crescente interesse pelas atividades desenvolvidas pela ECOECO foi confirmado pelo número recorde e elevada qualidade dos trabalhos propostos para o V Encontro (foram selecionados 60 trabalhos para apresentação oral e 08 pôsters).

A Sessão de Abertura contou com a presença da Presidente Luciana Togeiro e todos os demais ex-Presidentes da ECOECO – Peter May, Carlos Young e Maurício Amazonas -, os quais apresentaram a sua análise sobre a difusão da economia ecológica em nível internacional e no Brasil, destacando em especial a contribuição da

ECOECO. Além de brindar os participantes com uma visão bastante completa da atuação da ECOECO, essa sessão teve como ponto alto a performance do ex-Presidente e fundador da ECOECO, que atuou como *cover* do John Proops (Presidente da *International Society for Ecological Economics* – ISEE; este, por motivos de força maior, ficou impossibilitado de participar da sessão de abertura do V ECOECO como estava programado). “Peter Proops” fez a sua fala sobre as tendências da economia ecológica em inglês – com um notável sotaque britânico – e, “em simultâneo”, a sua própria tradução para o português. Essa sessão sem dúvida foi bastante rica e divertida.

A Programação completa do V ECOECO abrangeu discussões sobre questões teóricas e aplicadas, com um interesse evidente em contribuir para a construção do desenvolvimento sustentável no Brasil, abordando a interface do meio ambiente com desenvolvimento urbano, pobreza e sustentabilidade dos agronegócios. Para o debate sobre este tema, o V ECOECO contou com a participação especial de Walter Pengue, representante da *Asociación Argentino Uruguay de Economía Ecológica*, ASAUEE.

Pengue, fundamentado em evidências empíricas, relatou os problemas ambientais e também sócio-econômicos da expansão da fronteira de produção intensiva de soja transgênica na Argentina.

A programação ainda contou com sessões especiais, tais como: a apresentação de Peter May sobre a pesquisa conjunta IBAMA-ECOECO “Valoração de Serviços Ambientais em Unidades de Conservação”; e a apresentação de Clóvis Cavalcanti sobre o Projeto “Desenvolvimento Sustentável de Angola”.

A ECOECO tem como papel precípuo incentivar e difundir estudos e pesquisas sobre economia e meio ambiente. Neste sentido, no V ECOECO foi realizada a Sessão Paralela sobre “Ensino e Pesquisa em Economia, Sociedade e Meio Ambiente”, para situar e discutir a inserção dos temas relativos a Economia, Sociedade e Meio Ambiente nos currículos de graduação e pós-graduação (*lato e stricto senso*) dos cursos de economia e outros afins, examinando questões como a metodologia de ensino (disciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar), ementas e bibliografias específicas, além do reconhecimento da área e perspectivas de cooperação e financiamento para a pesquisa.

Como propostas, apontou-se a possibilidade de elaboração e divulgação de uma cátedra de economia ecológica com apoio da UNESCO, bem como a formação, através do *site* da ECOECO, de um grupo de estudos sobre ementas e programas de cursos referentes a essa temática, visando à criação de um banco de informações. Sugeriu-se, também, que esses resultados sejam levados à reunião da ANPPAS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade) no sentido de divulgar e aprofundar o debate. Veja a seguir a apresentação, por Paulo Gonzaga, da Lista de Discussão sobre Economia Ecológica que já está em funcionamento.

O último dia do evento foi reservado para a atividade de campo. Numa linda manhã de sábado, com um clima muito agradável, um animado grupo seguiu para a visita à Cooperativa dos Produtores Ecológicos de Antônio Prado-Ipê, nos arredores de Caxias. Volmir Pontel, agricultor orgânico e sócio-líder desta cooperativa, recebeu o grupo e fez um relato envolvente sobre a sua experiência com a prática da agricultura orgânica. Veja a seguir mais detalhes sobre esta visita descritos por Ihering Alcoforado.

### Lista de Discussão da Ecoeco

*Paulo Gonzaga Mibielli de Carvalho*

[paulomibielli@ibge.gov.br](mailto:paulomibielli@ibge.gov.br)

Diretor Executivo ECOECO

Ficou evidente na discussão havida na sessão paralela sobre “Ensino e Pesquisa em Economia, Sociedade e Meio Ambiente” na V ECOECO a necessidade de uma maior troca de idéias entre os profissionais da área. O melhor caminho para viabilizar, no curto prazo, esse intercâmbio é a criação de uma lista de discussão. Esta começou a funcionar informalmente pouco depois do encontro e agora já está formalizada, bastando aos interessados em integrá-la enviar uma correspondência eletrônica para [lista\\_ecoeco@yahoo.com.br](mailto:lista_ecoeco@yahoo.com.br)

As discussões tem se centrado em duas questões, definição/delimitação da economia ecológica e da multi/inter/transdisciplinaridade. Os debates contaram, até o momento, com intervenções de Ihering Guedes (mediador da lista), Manuel Osório Viana, Maurício Amazonas, Maria Amélia Rodrigues, Maria Carolina Gullo (Carol), Luciana Togueiro, Maria Cecília Lustosa e Paulo Gonzaga.

Exemplos de algumas intervenções:

Luciana

“Economia Ecológica: ênfase na

transdisciplinaridade, portanto, as categorias econômicas e de outras áreas do conhecimento interagem endogenamente nessas construções teóricas; mais do que isso: “uma fase superior à interdisciplinaridade, que não se contentaria em atingir interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria tais ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas” (retirei essa definição de algum site sobre metodologia da internet - não me lembro qual). A Economia Ecológica apresenta também uma noção de equilíbrio que é dada pelas condições ambientais - o equilíbrio ecológico. Há quem critique: por exemplo, a evidência de uma cadeia biológica não é garantia de que as espécies interagem em direção ao equilíbrio do conjunto das espécies...”

Ihering

“John Krutilla no seu artigo clássico *Conservation Reconsidered* de 1967, chama atenção para uma distinção no âmbito da economia dos recursos naturais, entre a visão tradicional de Pigou e a sua, a qual passou a ser

considerada uma economia da conservação dos recursos naturais (único). Daí me indagar, se si justifica introduzir no bojo da economia ambiental, ao lado da economia dos recursos naturais (pigouviana ?) e da economia da poluição, como coloca a Cecília, a economia da conservação ambiental de Krutilla.”

Osório

“Multidisciplinaridade: Não é o nosso caso, por se tratar do paradigma convencional. Exemplo: num projeto industrial, cada especialista escreve um capítulo que, mesmo com uma única finalidade e buscando certa unidade, falam linguagens muito diferentes. São os capítulos do engenheiro, do administrador, do advogado, do financista, do economista. E que ninguém entre na seara alheia! Não há abertura de uma linguagem para a outra, nem mente aberta para tal. Teoricamente, é a Epistemologia da ciência moderna, racionalista e empiricista, com o fantástico desenvolvimento das especializações, mas com a fragmentação do saber.”

## V ECOECO: Visita à Cooperativa dos Produtores Ecológicos de Antônio Prado-Ipê

*Ihering Alcoforado*

[ihering@ufba.br](mailto:ihering@ufba.br)

Diretor ECOECO - Núcleo Nordeste

A ECOECO renovou sua determinação em aproximar o conhecimento científico do "saber vivencial" (incorpora conhecimentos técnicos não codificados e conhecimentos tácitos) dos envolvidos com a prática ecológica, no seu dia a dia. Na conferência ancorada no saber vivencial de Volmir Pontel, líder da Cooperativa, foi apresentado não só um histórico do movimento na localidade, mas também uma caracterização da situação atual e, por fim, foi esboçado o "núcleo duro" de uma política de incentivo à agricultura ecológica.

Ao tratar das origens, chamou atenção para a importância da Pastoral da Juventude e do Centro Ecológico Ipê. A primeira pela mobilização e orientação dos jovens na busca de uma alternativa para os jovens agricultores através da

venda direta, mas sem incluir uma mudança no paradigma de produção; o giro ecológico, o qual evoluiu absorvendo partes

do conhecimento tradicional, foi atribuído pelo conferencista ao incentivo do Centro Ecológico Ipê.

A situação atual foi caracterizada através do recurso a vários âmbitos, nos quais se sobressaíram o âmbito do psicosocial, no qual sublinhou a perda das energias utópicas dos jovens, o que pode comprometer a sustentabilidade do projeto. No plano do negócio chamou atenção que se ressentia "dentro da porteira" de uma assistência tecnológica, uma vez que o IBD, órgão certificador, apenas inspeciona, obrigando-os a um aprendizado compartilhado dentro da rede; ainda neste

âmbito, ressaltou que a produção própria é insuficiente, o que tem levado à compra de terceiros para atender a capacidade de beneficiamento dos equipamentos. Enquanto que "fora da porteira", a despeito de uma demanda maior que a oferta, e do avanço do aprendizado das rotinas de comercialização, desde as referentes aos procedimentos legais até as vinculadas às embalagens, ainda persistem limitações à comercialização provenientes das compras dos grandes supermercados serem concentradas e realizadas numa escala e frequência fora das possibilidades da cooperativa e, mesmo

assim, é resistente à idéia do recurso à cooperativa central, em razão da experiência com a Colméia.

Nas proposições de política destacou dois eixos: o tecnológico e o mercado. No eixo tecnológico, a sugestão foi a criação de atividades de pesquisa e extensão voltadas para o agricultor ecológico familiar e, no âmbito do mercado, frisou a importância de um programa de compras governamentais. Por fim, ressaltou o reconhecimento da alavancagem do negócio a partir da linha de crédito da central de embalagens do governo do Estado.

## Consecuencias Ecológicas y Económico Sociales de la Segunda Revolución Verde en Argentina\*

Walter A. Pengue

[wapengue@sinectis.com.ar](mailto:wapengue@sinectis.com.ar)

Grupo de Ecología del Paisaje y Medio Ambiente, GEPAMA, Universidad de Buenos Aires y miembro del Consejo Directivo de la Asociación Argentina Uruguaya de Economía Ecológica (ASAUEE)

Las externalidades que comienzan a evaluarse alcanzan más de 1.000 millones de dólares por año, entre los varios impactos directos ya identificados. Hace menos de una década que la Argentina permitió la liberación comercial de OGMs y que junto con una fuerte adopción tecnológica y profundas transformaciones sociales y económicas han cambiado, en un sentido u otro, el perfil productivo del medio rural.

La BioRevolución o Segunda Revolución Verde, del primer tipo y camada de la tecnología ADN recombinante – básicamente semillas de soja, maíz y algodón - que se expande en ese país, responde a un paquete intensivo en el uso de insumos promovido durante la última década y que fuera conocida como la "década del insumo". Todo este proceso ha llevado a lo que dio en llamar una "agriculturización" o más bien "sojización" del modelo que eliminó el planteo mixto y transformó, especial pero no únicamente a toda la Región Pampeana, en un área eminentemente monoprodutiva.

Los impactos sociales, económicos y ambientales no se han hecho esperar: desaparición de paisajes enteros (se avanza sobre tres flancos por encima de la frontera agropecuaria), pérdida de la diversidad productiva, pérdida de la soberanía alimentaria, aumento de la escala y la concentración económica, extranjerización de tierras, dependencia y pérdida de la capacidad gerencial del productor, alto grado de endeudamiento, pérdidas de información y formación adecuada y capacidades en el know-how agropecuario, destrucción de áreas biodiversas, aparición de resistencia en malezas a los herbicidas, tolerancia a cultivos Bt y aceleración de procesos degradatorios, muchas veces ocultos detrás de las variedades de altos rendimientos.

Hay evidencias de un aumento creciente de la dependencia en los insumos (agroquímicos y semillas) y en las decisiones y una pérdida de la independencia en la cadena de comercialización fuertemente concentrada en capitales y empresas



extranjeras. El modelo propuesto, concentrado en muy pocos cultivos y que apunta a la extensión latifundista, demarca un nuevo terreno que básicamente contempla una producción orientada

a la exportación en un "campo sin agricultores" con escasa contemplación por el mercado interno.

\*Resumo da apresentação do autor realizada no V ECOECO.

## **Determinantes da Recuperação da Mata Atlântica no Estado de São Paulo \***

*Eduardo Ehlers*

[eduardoehlers@sp.senac.br](mailto:eduardoehlers@sp.senac.br)

Faculdade SENAC de Educação Ambiental

Na década passada, duas centenas de municípios paulistas ampliaram suas áreas de Mata Atlântica, sendo que a maioria deles concentra-se em territórios contíguos formando verdadeiras manchas de recuperação florestal no mapa do Estado. Esta tese procura identificar os principais determinantes que explicam este inusitado aumento. A suposição inicial era de que a recuperação da Mata Atlântica estaria associada ao avanço dos empreendimentos que valorizam o patrimônio natural e que promovem o seu aproveitamento econômico. A pesquisa mostra que o cumprimento da legislação, decorrente da fiscalização mais rigorosa, e a retração das atividades agropecuárias, que permite a regeneração natural das matas, foram os principais determinantes da recuperação da Mata Atlântica na década passada. Todavia, como suposto inicialmente, em alguns territórios paulistas já se nota uma rara combinação entre empreendedorismo e conservação florestal. Essa sinergia não surge ao acaso; depende, em grande parte, da existência de arranjos institucionais entre atores públicos e privados interessados na conservação do patrimônio natural.

## **Desenvolvimento Sustentável, uma breve leitura**

*Sérgio de Mattos Fonseca*

[sergio@aprec.org.br](mailto:sergio@aprec.org.br)

Pesquisador da APREC Ecossistemas Costeiros ([www.aprec.org.br](http://www.aprec.org.br)) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo PROCAM / USP

### **Introdução**

As primeiras manifestações organizadas em defesa do meio ambiente remontam a meados do século XX, no pós-II Grande Guerra, quando o homem comum tomou consciência de que poderia acabar definitivamente com o planeta, com todas as espécies, inclusive a própria, e com tudo que a mãe-natureza levou milhões e milhões de anos para erigir. Após a explosão das bombas de Hiroshima e Nagasaki, iniciaram-se na Europa manifestações pacifistas contra o uso da energia nuclear, em função das conseqüências desastrosas para a humanidade e o meio ambiente. Com essas surgiam as preocupações com os danos ambientais provocados pela ação do homem e os reflexos

desses no comprometimento dos recursos naturais do planeta.

A partir deste contexto vem se desenvolvendo uma consciência ecológica cada vez mais presente em todos os segmentos da sociedade humana, com nuances de sinceridade de propósitos na busca por uma evolução não apenas darwiniana. Sob a forma de apropriação consciente para uso como estratégia política, busca retirar a carga de contestação ao *status quo* existente nesta tomada de consciência, em busca da sustentabilidade do desenvolvimento da economia da natureza.

Para que possamos compreender a multiplicidade de conceitos embutidos neste novo conceito e a forma que é usado, seja pelos defensores da

utopia de uma relação respeitosa entre a espécie humana e a diversidade planetária, ou por todos que dele se apropriam com interesses diversos, faz-se necessário a identificação dos principais conceitos agregados a cada uma das duas palavras do termo: desenvolvimento e sustentável.

### **No princípio, era o Crescimento**

Os economistas vêm ao longo dos anos buscando interpretar o crescimento econômico, seus fatores determinantes e as conseqüências deste para o desenvolvimento das sociedades humanas. Desde a leitura de Thomas Malthus publicada num artigo em 1798, quando identificou que o crescimento demográfico via de regra supera o crescimento da produção e provoca a fome, o entendimento sobre o crescimento vem acumulando interpretações pessimistas dos economistas clássicos. Na abordagem de Sir John Maynard Keynes a questão do crescimento perde a dimensão finita dos recursos no longo prazo. Por outro ângulo, o insight de Nicolau Georgescu-Roegen sobre a problemática da substituição entre o capital natural e o capital construído pelo homem, complementares e longe de “truques da imaginação” ou preocupações excessivas com “exercícios de papel e lápis” em torno da função de Cobb - Douglas (Cleveland & Ruth, 1997). Herman Daly com o seu Estado-Estável coloca a noção de crescimento parafraseando o Sermão da Montanha e concluindo:

*“A moralidade do estado-estável é a mesma do Sermão da Montanha. A mania do crescimento exige a negação dessa moralidade. Se dermos atenção aos males do dia, teremos crescimento moral, mas nem tanto crescimento econômico. Se dermos ansiosamente nossa primeira atenção à maior renda de amanhã, teremos crescimento econômico, mas pouco ou nenhum crescimento moral.” (Daly, 1977)*

Destaca Daly a interpretação de Lord Thomas Balough de que a teoria econômica seria uma forma de fazer aqueles que estão confortáveis sentirem-se mais confortáveis. Em busca do conforto e da cultura expandidos a todas as classes, Herbert Marcuse vai contra o crescimento capitalista da indústria de *gadgets*,

em nome de bens necessários e da maior disponibilidade para o lazer cultural e a elevação do espírito humano (Herculano, 1992).

A temática do crescimento é extensa e não pretendemos aqui esgotá-la, longe disso resumimos nossa amostragem reinterpretando duas metáforas da economia: os clássicos da “mão invisível” que longe da pretensão determinista de auto-regulação do crescimento econômico capitalista, é vista na realidade como a mão visível do FMI na poupança (no sentido literal, ou também no figurado) das economias subdesenvolvidas e do “ótimo de Pareto” que muito menos que uma visão otimizada nos acorrenta numa ótica em que a apropriação dos excedentes gerados pelo crescimento econômico e o conseqüente aumento do bem estar de uns, teria como compensação a redução de bem estar de outros. Esperamos desta forma ter destacado o caráter dúbio contido na interpretação do verbete crescimento e sua contribuição como sentido agregado ao termo “desenvolvimento sustentável”.

### **O Desenvolvimento Sustentável**

O conceito de desenvolvimento sustentável (DS) cada vez mais se torna fluído, acomodando-se de acordo com o formato do recipiente cerebral que o contém. De uma forma ou de outra, todos possuem a noção do que é DS e quando perguntado, via de regra, o cidadão enrola a língua e as idéias ou desfia um colar de pérolas quase sempre misturando crescimento econômico com preservação ambiental e ausência de poluição. Em busca da compreensão do que é DS, longe de procurar alcançar um único conceito, faz-se necessário o entendimento de que a temática do desenvolvimento ganhou força no contexto da “guerra fria” do início dos anos 60, quando ficou nítida para o mundo a emergência de duas potências dos escombros da II Grande Guerra Mundial: os Estados Unidos-EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas- URSS. Foi neste contexto que começou uma guerra psicológica detonada pelos EUA no ocidente, que buscava identificar o *american way of life* com o que é desenvolvido e moderno, restando à outra potência a pecha de retrógrada e atrasada. Assim o termo era

colocado sob uma ótica reducionista, identificando-o com a importação pelos países dos valores culturais da sociedade norte-americana, assim como seu modelo de industrialização, acompanhados de projetos de cooperação internacional como a Aliança para o Progresso, implementado no Brasil durante o governo do presidente americano J.F. Kennedy, no período inicial de governo dos militares pós-64, corroborado pelas altas taxas de crescimento econômico expressas pelo aumento do PIB - Produto Interno Bruto dos países, agora chamados, em desenvolvimento. A reação abaixo do equador veio pela Comissão Econômica para a América Latina - CEPAL, quando tinha a frente economistas do porte de Celso Furtado, propondo o rompimento das relações de trocas desiguais, ainda com matiz do antigo pacto colonial do remoto século XVIII, em prol do desenvolvimento de uma industrialização endógena. Os economistas cepalinos não identificam no crescimento econômico capitalista, necessariamente, o desenvolvimento das sociedades, demonstrando que o aumento da renda *per capita* não é um indicador confiável de bem estar. A título de ilustração, recentemente a ONU divulgou através do PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, uma revisão no seu índice de desenvolvimento humano - IDH - que busca avaliar os diferentes estágios de desenvolvimento das nações, relacionando o poder aquisitivo, com a expectativa de vida e o nível de escolaridade nos países membros. Neste ranking o Brasil, entre as dez maiores economias mundiais, aparece em modesto 65º lugar neste ano de 2003. Esta situação nos leva a refletir se o crescimento industrial sem limites está nos levando à eliminação da miséria, ou apenas possibilitando que esta se veja e seja vista ao vivo e a cores por uma "aldeia global".

Com a pressão do governo da Suécia sobre a ONU, por motivo do desastre ecológico da Baía de Minamata no Japão, realizou-se em 1972 a Conferência de Estocolmo, uma reunião internacional sobre o meio ambiente. Esta trouxe à tona o alerta para o crescimento econômico sem limites, com a contribuição do Clube de Roma fornecida através do relatório de Meadows *et alii*

sobre os Limites do Crescimento em 1972, chegando a propor o crescimento zero para a economia mundial respaldados em projeções computacionais sobre o crescimento exponencial da população e do capital industrial como ciclos positivos, resultando em ciclos negativos representados pelo esgotamento dos recursos naturais, poluição ambiental e a fome, que suplantariam aqueles. Assim previam o esgotamento dos recursos naturais em menos de quatro gerações.

Foi a partir do relatório divulgado pela Sr<sup>a</sup> Brundtland, ex-primeira ministra da Noruega, sob o nome de Nosso Futuro Comum, que a expressão DS ganhou notoriedade. Este documento foi a base das discussões da ECO 92 ou RIO 92, uma conferência internacional sobre meio ambiente promovida pela ONU no Rio de Janeiro, em prosseguimento àquela realizada em 1972 na cidade de Estocolmo. O relatório propõe o conceito de que DS seria a capacidade das atuais gerações de atender às suas necessidades sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras (CMMAD, 1988). Enaltecido por uns e criticado por outros, tem a seu favor o fato de trazer definitivamente para o cenário mundial a problemática ambiental, propondo uma mudança no teor do crescimento econômico, mas pecando na identificação da pobreza dos países subdesenvolvidos como uma das causas da degradação ambiental. Em nosso entendimento a pobreza é um dos rejeitos da acumulação capitalista. Assim vista como um efluente poluidor, ao contrário, identificamos nos países desenvolvidos o foco gerador desta poluição humana.

A Prof<sup>a</sup> Isabel Carvalho desperta a atenção para a necessidade do entendimento do verbete Sustentável e segundo o seu entendimento:

*"O adjetivo sustentável remete àquilo que está em perfeito equilíbrio, que se conserva sem desgaste e se mantém no tempo."* (Carvalho, 1992).

Agregamos ao conceito acima a interpretação ecológica que pressupõe altos índices de diversidade de espécies como indicador de equilíbrio e riqueza dinâmicos dos ecossistemas, ou seja, os ecossistemas são mais saudáveis e desenvolvidos quanto maior a sua biodiversidade.



Essa é a sustentabilidade ecológica, convergência de avenidas evitando conseqüências globais e locais de erosão da biodiversidade através da valoração econômica- ecológica e fomentando a indústria de bens e serviços ambientais sustentável (Fonseca, 2000), na direção de uma “simbiose entre conservação da biodiversidade e dinamização econômica” (Veiga, 1999).

Ao procurarmos ampliar o conceito de desenvolvimento sustentável, além da política do bom comportamento, internalizando a este a questão das externalidades, ou seja, a incorporação dos danos ambientais provocados pela atividade econômica, aos custos das indústrias, o que coloca os países desenvolvidos em débito com a recuperação dos ecossistemas do planeta, agregamos as conclusões de Herculano (1992):

*"... epígrafe de boa sociedade, senha e resumo da boa sociedade humana. ... substituto pragmático, seja da utopia socialista, tornada ausente, seja da proposta de introdução de valores éticos na racionalidade capitalista meramente instrumental. ... conjunto de mecanismos de ajustamento que resgata a funcionalidade da sociedade capitalista, ora naturalizada como*

*paradigma da sociedade moderna: nova contabilização dos processos produtivos, incorporando externalidades; políticas de financiamento mais brandas; novos indicadores de desenvolvimento, que incorporem o bem-estar humano e proteção ambiental; reciclagem industrial; controle de emissões; parcimônia no manejo de recursos naturais; estímulo à produção de conhecimento ambiental e a programas de monitoramento; controle demográfico, etc..." (Herculano, 1992).*

Acreditamos que o desenvolvimento sustentável seja um mosaico de entendimentos, cabendo desde a leitura de uma forma neocolonialista ou da continuidade do domínio imperialista sobre os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, assim como um novo paradigma para uma compreensão ambiental holística, nova forma de relacionamento do homem com a Natureza, um resgate da natureza humana como mais uma das espécies que compõe a biodiversidade, incorporando-se de forma ecológica a essa viagem fantástica que é a nossa breve existência no planeta Terra.

## **Bibliografia**

- CARVALHO, Isabel: Desenvolvimento Sustentável: Da Economia à Política in Dívida externa e meio ambiente, Maria Clara Couto Soares (org.), IBASE, Rio de Janeiro, 1992.
- CLEVELAND, C.J. & RUTH, M.: Capital humano, capital natural e limites biofísicos no processo econômico in Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas, Clóvis Cavalcanti (Org.), Fundação Joaquim Nabuco/ Cortez Editora, São Paulo, 1977.
- CMMAD - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Nosso Futuro Comum, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1988.
- DALY, Herman: A Economia do Século XXI, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1984.
- FONSECA, Sérgio Mattos et alii: Considerações Sócioambientais para Subsidiar a Valoração dos Danos do Derramamento de Petróleo em Manguezais do Rio de Janeiro, Brasil, Coordenação Peter H. May, mimeo, 2000.
- HERCULANO, Selene Carvalho: Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz, in coletânea Ecologia, Ciência e Política, coordenação de Mírian Goldenberg, pág. 9, 1992.
- MEADOWS, D.H. et alii: Limites do Crescimento, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1973.
- VEIGA, J.E.: Biodiversidade e Dinamismo Econômico, III Encontro da EcoEco, Anais em CD – ROM, Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, Recife, 1999.

## **ECOECO NEWS**

### **Resultados das Eleições ISEE 2003**

Joan Martinez-Alier  
President-Elect

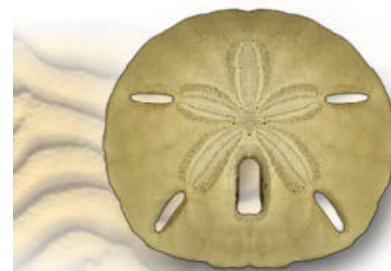
Carlos Young, Jon Erickson, Pushpam Kumar, Wendy Proctor  
Board Members

### **Conferência da Sociedade Internacional de Economia Ecológica - ISEE 2004**

Eighth Biennial Conference  
Montreal, July 11-14, 2004

'Challenging Boundaries: Economics, Ecology and Governance'.

<http://www.iseemontreal2004.com/>



### **Board ISEE (The International Society for Ecological Economics)**

President  
Charles Perrings

President - Elect  
Joan Martinez-Alier

Past-President  
John Proops

## **CONSELHO DIRETOR DA ECOECO NO BIÊNIO 2004-05**

### **DIRETORIA DO NÚCLEO EXECUTIVO**

Ademar Ribeiro Romeiro  
presidente

Luciana Togeiro de Almeida

Maria Amélia Rodrigues da Silva  
vice-presidente

Luciana Lopes Simões

Paulo Gonzaga Mibielli de Carvalho

### **DIRETORIAS REGIONAIS**

#### **NÚCLEO NORTE**

Mário Amim

Alfredo Kingo Oyama Homma

Larissa Steiner Chermont

#### **NÚCLEO CENTRO-OESTE**

Maurício de Carvalho Amazonas

Waldecy Rodrigues

José Aroudo Mota

#### **NÚCLEO NORDESTE**

Clóvis de Vasconcelos Cavalcanti

Maria Cecília Junqueira Lustosa

Manuel Osório de Lima Viana

Ithering Guedes Alcoforado de  
Carvalho

#### **NÚCLEO SUDESTE**

Marcelo Firpo de Souza Porto

João Paulo Soares de Andrade

Marcelo Hercowitz

#### **NÚCLEO SUL**

Percy Baptista Soares Neto

Maria Carolina Rosa Gullo

Clítia Helena Backx Martins

Valdir Frigo Denardin

### **CONSELHO CONSULTIVO E FISCAL**

Peter Herman May

José Eli Savoia da Veiga

Carlos Eduardo Frickmann Young